

METODOLOGIAS ATIVAS E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CAMINHOS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA A ESTUDANTES COM TEA

Inaldo Samuel da Silva Farias¹
Maricelma Marques de Lima Silva²
Marcus Bessa de Menezes³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo investigar como as Metodologias Ativas têm contribuído para o ensino de Matemática a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), promovendo uma educação verdadeiramente inclusiva nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Considerando que esses estudantes apresentam formas singulares de aprendizagem, comunicação e interação social, torna-se essencial o uso de estratégias pedagógicas que favoreçam sua participação ativa no processo de construção do conhecimento. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, fundamenta-se em autores como Cunha (2009), que discute os desafios da inclusão de estudantes com TEA; Vygotsky (1991), que destaca a importância da mediação pedagógica e da interação social; e Moran (2015), que ressalta o papel das metodologias inovadoras no engajamento dos estudantes. A análise foi realizada a partir de uma revisão teórica e do mapeamento de experiências pedagógicas que utilizam metodologias ativas e outras estratégias centradas no estudante. Pretende-se compreender de que forma essas metodologias ativas podem ampliar as possibilidades de ensino da Matemática, favorecendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também a inclusão social de estudantes com TEA. Espera-se que este estudo contribua com subsídios teóricos e práticos para uma prática docente mais equitativa, responsiva e alinhada às necessidades da diversidade escolar.

Palavras-chave: Metodologias Ativas, Educação Inclusiva, Ensino de Matemática, Transtorno do Espectro Autista, Anos Iniciais.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva no Ensino Fundamental constitui-se em um campo desafiador e, ao mesmo tempo, essencial para a consolidação de uma escola democrática e equitativa. No ensino de Matemática, tais desafios se tornam ainda mais evidentes quando se trata de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que apresentam formas singulares de aprender, comunicar-se e interagir socialmente. Nesse cenário, torna-se fundamental a adoção de práticas pedagógicas que promovam não apenas o acesso à escola, mas também a participação ativa e significativa desses estudantes no

¹ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas/ PPGECM da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, inaldo.samuel@ufpe.br;

² Graduada em Pedagogia e Pós- graduada em Psicopedagogia [.maricelmamarques6@gmail.com](mailto:maricelmamarques6@gmail.com)

³ Professor orientador: Pós-doutorado em Educação Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco, Professor do Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas/ PPGECM da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, marcus.bmenezes@ufpe.br;



processo educativo. Cunha (2019) destaca que a inclusão de crianças com TEA exige práticas que considerem as especificidades do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, assegurando o aprendizado significativo.

Dados recentes do Censo Escolar (INEP, 2024) apontam que houve um aumento de 44,4% nas matrículas de estudantes com TEA no Ensino Fundamental, totalizando 918.877 alunos em âmbito nacional. Esse crescimento reforça a necessidade de estratégias pedagógicas que respondam às demandas dessa população escolar. Nesse contexto, as Metodologias Ativas (MA) se configuram como possibilidades promissoras, uma vez que incentivam a autonomia, o engajamento e a construção colaborativa do conhecimento. Moran (2019) ressalta que tais metodologias favorecem experiências de aprendizagem que conectam teoria e prática, tornando o processo mais contextualizado e significativo.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar de que modo as MA podem contribuir para a aprendizagem matemática de estudantes com TEA nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, promovendo simultaneamente o desenvolvimento cognitivo e a inserção social. Para tanto, a pesquisa adotou abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada em autores como Cunha (2019), que discute os desafios da inclusão; Vygotsky (1991), que valoriza a mediação pedagógica e a interação social; Moran (2019), que destaca o potencial das metodologias inovadoras; e Orrú (2012), que aborda a importância de compreender as singularidades do autismo.

As discussões apontam que as MA favorecem a construção colaborativa do conhecimento, a autonomia e o engajamento, permitindo que estudantes com TEA desenvolvam habilidades cognitivas e socioemocionais em consonância com suas necessidades individuais (Moran, 2019; Bacich & Moran, 2018). Os resultados do mapeamento evidenciam que, embora existam avanços, ainda persistem lacunas na efetiva implementação dessas metodologias no ensino da Matemática para estudantes com TEA. Contudo, fica evidente que as MA se apresentam como alternativas viáveis para superar barreiras de exclusão, promovendo práticas pedagógicas mais equitativas e inclusivas.

Conclui-se, portanto, que compreender as contribuições das MA nesse contexto é essencial para repensar o ensino da Matemática e consolidar práticas que assegurem não apenas o direito à educação, mas uma aprendizagem significativa e transformadora para os estudantes com TEA.



METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter exploratório, com o propósito de analisar produções acadêmicas nacionais que investigam a aplicação da MA no ensino de Matemática para estudantes com TEA.

A coleta dos dados bibliográficos foi conduzida por meio de buscas sistematizadas em bases de dados científicas, com ênfase na base Periódicos CAPES. Foram utilizados descritores específicos, a saber: “metodologias ativas”, “ensino de Matemática”, “educação inclusiva” e “TEA”. Para garantir maior rigor metodológico, as buscas foram concentradas em um único campo (campo título, resumo ou palavras-chave), evitando dispersões temáticas que comprometem a consistência da análise (GIL, 2019). O recorte temporal adotado abrangeu publicações dos últimos dez anos (2015 a 2025), buscando contemplar produções recentes e relevantes para o tema; entretanto, autores clássicos, como Vigotski (1991), foram incluídos para embasamento teórico fundamental, dado seu papel no desenvolvimento de teorias da aprendizagem mediada.

A definição e combinação dos descritores seguiram o emprego de operadores booleanos, especialmente o operador AND, que possibilita o cruzamento específico dos termos, refletindo em resultados mais refinados e direcionados à temática central (LAKATOS; MARCONI, 2017). O uso desse recurso permitiu filtrar os estudos para que abordassem simultaneamente os conceitos de interesse, promovendo maior consistência na seleção do material.

Os resultados das buscas estão sintetizados na Tabela 1, evidenciando tanto a quantidade quanto as limitações de produções encontradas no campo. Constata-se um volume expressivo de estudos sobre MA no ensino da Matemática, denotando o crescente interesse acadêmico pela temática. Contudo, ao incluir o critério de “educação inclusiva”, o número de publicações reduz-se significativamente, e a associação com o termo “TEA” não apresentou resultados, reafirmando a lacuna e a originalidade do presente estudo.

TABELA 1 – Resultados das buscas nas bases de dados

Descritores utilizados	Quantidade de resultados	Observações
“metodologias ativas” AND “ensino de Matemática”	215	Estudos gerais sobre o uso de metodologias ativas no ensino da Matemática.
“metodologias ativas” AND “ensino de Matemática” AND “educação inclusiva”	4	Pesquisas que articulam o ensino de Matemática e a inclusão escolar.
“metodologias ativas” AND “ensino de Matemática” AND	0	Ausência de estudos que integrem os quatro descritores, indicando lacuna na literatura.



“educação inclusiva” AND “TEA”		
-----------------------------------	--	--

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Após as buscas, foi realizada a leitura crítica e análise documental dos estudos selecionados, adotando critérios de relevância, pertinência temática e contribuição para o avanço do conhecimento na área de investigação (MINAYO, 2017). As análises foram orientadas pela identificação dos principais autores, abordagens metodológicas, fundamentações teóricas e resultados apresentados pelas produções revisadas. O objetivo central foi compreender as formas de aplicação das MA no ensino da Matemática para estudantes com TEA, bem como identificar lacunas, limitações e potenciais benefícios dessas práticas.

Para a análise dos dados, organizamos e classificamos as informações extraídas dos estudos selecionados, identificando temas principais, padrões comuns e diferenças nas abordagens das metodologias ativas no ensino de Matemática para estudantes com TEA. Para garantir a qualidade da análise, comparamos as interpretações entre os pesquisadores e com diferentes referências teóricas, visando reduzir possíveis vieses e assegurar a confiabilidade dos resultados. A interpretação dos dados seguiu uma perspectiva qualitativa, adotando-se uma análise interpretativa que visa reconhecer tendências, desafios e possibilidades de avanço no uso das MA como instrumentos mediadores da aprendizagem em contextos inclusivos (GIL, 2019). As informações extraídas subsidiaram a construção das categorias de análise apresentadas nas seções subsequentes, que discutem aspectos pedagógicos e implicações das práticas identificadas.

Por se tratar de pesquisa bibliográfica, sem coleta direta com sujeitos humanos, não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, em conformidade com as normativas vigentes (GIL, 2019). Todas as obras e materiais utilizados foram devidamente referenciados, assegurando o respeito aos direitos autorais e à propriedade intelectual.

Assim, a metodologia adotada caracteriza-se por um percurso sistemático e rigoroso, que visa garantir a consistência, confiabilidade e validade dos dados analisados, proporcionando uma contribuição relevante e original para o campo do ensino da Matemática inclusivo para estudantes com TEA.



REFERENCIAL TEÓRICO

1. Educação inclusiva: políticas e desafios

A educação inclusiva, prevista na Constituição Federal de 1988 e reafirmada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), constitui-se como um direito fundamental e um compromisso social que busca garantir a escolarização de todos os estudantes, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais ou culturais. Tal perspectiva tem sido consolidada também em documentos internacionais, como a Declaração de Salamanca (1994), que defende a inclusão como princípio norteador da educação, enfatizando a importância de escolas acolhedoras, capazes de atender a diversidade.

No contexto brasileiro, a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) reforça a necessidade de assegurar não apenas o acesso, mas também a permanência e o aprendizado dos estudantes com deficiência ou necessidades educacionais específicas. Nesse sentido, Carvalho (2004) enfatiza que a inclusão requer mudanças estruturais e pedagógicas, demandando da escola a adaptação do currículo, a revisão das práticas metodológicas e o uso de estratégias de avaliação que contemplem a diversidade.

Apesar dos avanços legais, a efetivação da inclusão escolar ainda enfrenta obstáculos significativos. Sasaki (2011) argumenta que a inclusão não se resume à presença física do estudante, mas implica na criação de condições para sua plena participação e desenvolvimento. Isso exige tanto recursos materiais quanto formação continuada de professores, além de um olhar atento às singularidades de cada aprendiz. Cunha (2019) acrescenta que a inclusão é um processo que demanda sensibilidade pedagógica e práticas que considerem a diversidade como um valor e não como um problema a ser resolvido.

Assim, a construção de uma escola inclusiva pressupõe a desconstrução de paradigmas tradicionais que compreendem a deficiência a partir de um viés clínico e reducionista, substituindo-os por uma visão que enxerga as barreiras institucionais, pedagógicas e sociais como os verdadeiros fatores de exclusão. A partir dessa concepção, torna-se possível avançar para práticas pedagógicas mais equitativas, que reconheçam e potencializem as diferentes formas de aprender.

2. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar



O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por desafios na comunicação, interação social e padrões restritos ou repetitivos de comportamento, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2014). No ambiente escolar, essas características se traduzem em demandas específicas, exigindo estratégias pedagógicas diferenciadas para favorecer o engajamento e a aprendizagem.

Orrú (2012) destaca que compreender o autismo a partir de suas singularidades é condição indispensável para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que não reforcem estigmas, mas que ampliem possibilidades de inclusão. Para a autora, o desafio da escola é criar situações de aprendizagem que sejam acessíveis e significativas, considerando tanto as barreiras de comunicação e interação quanto as potencialidades individuais.

Nesse sentido, o papel do professor é mediar o processo de aprendizagem por meio de estratégias que respeitem o tempo do estudante, utilizando recursos concretos e promovendo a socialização. Gaiato (2018) reforça que as crianças com TEA possuem habilidades que podem ser estimuladas quando se investe em ambientes estruturados, com rotinas claras, estímulos visuais e atividades que favoreçam a participação ativa. Cada criança apresenta formas particulares de se relacionar com o conhecimento, o que demanda abordagens que considerem sua individualidade e que possibilitem avanços cognitivos e sociais

No campo do ensino de Matemática, essas demandas se intensificam. Muitas vezes, os estudantes com TEA apresentam facilidade com padrões, memorização e raciocínio lógico, mas enfrentam dificuldades na resolução de problemas contextualizados ou que envolvem linguagem abstrata. Nesse ponto, torna-se essencial adotar metodologias que aproximem os conceitos matemáticos da realidade concreta, respeitando as especificidades da aprendizagem desses estudantes. Cunha (2019) acrescenta que o processo de inclusão de estudantes com TEA exige práticas pedagógicas flexíveis e fundamentadas na observação constante, uma vez que não há um perfil único de aprendizagem.

3. Metodologias Ativas e aprendizagem significativa

As MA têm ganhado espaço nos debates educacionais por proporem um deslocamento do ensino centrado no professor para uma aprendizagem centrada no



A Matemática é uma área do conhecimento fundamental nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois contribui para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da resolução de problemas e da compreensão de relações quantitativas presentes no cotidiano. Lorenzato (2006) afirma que o ensino da Matemática nos primeiros anos é essencial para a construção de bases sólidas que sustentarão aprendizagens futuras.

A aprendizagem matemática, quando pensada no contexto da inclusão escolar, deve ser concebida como um percurso que integra aspectos conceituais, práticos e relacionais. Nesse sentido, as MA se apresentam como estratégias potentes, pois estimulam a participação dos estudantes, promovem a resolução de problemas em situações reais e favorecem a cooperação entre pares (Moran; Bacich, 2019). Para os estudantes com TEA, tais práticas assumem um papel ainda mais relevante, na medida em que permitem a construção de sentidos para os conteúdos matemáticos e ampliam as oportunidades de socialização (Orrú, 2017; Cunha, 2019). Assim, ao articular experiências cognitivas e socioemocionais, as MA contribuem para que a aprendizagem matemática seja efetivamente significativa e inclusiva nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Borba; Silva; Gadanidis, 2018).

Nacarato e Mengali (2016) destacam ainda que o ensino da Matemática nos anos iniciais deve priorizar a resolução de problemas e a manipulação de materiais concretos, práticas que dialogam diretamente com as necessidades dos estudantes com TEA, que se beneficiam de atividades práticas, visuais e contextualizadas. Dessa forma, ao associar o ensino da Matemática às MA, cria-se um ambiente mais favorável à aprendizagem inclusiva.

A implementação efetiva das MA no ensino de Matemática para estudantes com TEA depende diretamente da formação continuada e específica dos professores. É imprescindível que as instituições de ensino invistam em programas de capacitação, workshops e ambientes virtuais de aprendizagem que preparem os docentes para planejar, mediar e avaliar práticas pedagógicas inclusivas, utilizando estratégias ativas e recursos tecnológicos adequados. Dessa forma, promove-se a qualidade do ensino e a superação dos desafios encontrados na prática cotidiana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do mapeamento bibliográfico e da análise das produções selecionadas, foi possível organizar os achados em três categorias principais:



1. Contribuições das metodologias ativas para a aprendizagem matemática de estudantes com TEA;
2. Desafios e barreiras para a implementação das metodologias ativas no ensino inclusivo;
3. Perspectivas e recomendações para a prática pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Quadro 1 – Metodologias ativas encontradas na literatura e benefícios relatados para estudantes com TEA

Metodologias ativas	Benefícios para estudantes com TEA
Jogos didáticos e digitais	Favorecem a motivação, estimulam o raciocínio lógico e tornam a aprendizagem matemática mais concreta e lúdica (Orrú, 2012).
Aprendizagem baseada em projetos (ABP)	Promove colaboração entre pares, integração social e construção de conhecimentos em situações reais (Moran, 2019).
Sala de aula invertida	Estimula autonomia, respeito ao ritmo individual e possibilita maior interação em sala (Bacich & Moran, 2018).
Tecnologias assistivas (softwares, recursos visuais)	Auxiliam na comunicação, reduzem barreiras de acesso ao conteúdo e ampliam a participação ativa (Gaiato, 2018).
Atividades colaborativas e mediadas	Estimulam interação social, desenvolvimento de habilidades socioemocionais e engajamento no processo (Vygotsky, 1991).

Fonte: Elaboração própria com base em Orrú (2012), Vygotsky (1991), Moran (2019), Bacich & Moran (2018), Gaiato (2018).

Contribuições das Metodologias Ativas

Os estudos analisados destacam que as metodologias ativas favorecem a participação ativa dos estudantes com TEA, promovendo maior engajamento, autonomia e construção colaborativa do conhecimento (Moran, 2019; Bacich & Moran, 2018). Nesse sentido, pretende-se compreender de que forma essas metodologias podem ampliar as possibilidades de ensino da Matemática, beneficiando não apenas a compreensão dos conceitos e o desenvolvimento cognitivo, mas também o aprimoramento das habilidades sociais e socioemocionais, além da inclusão social desses estudantes (Orrú, 2012; Gaiato, 2018).

Desafios e barreiras

Apesar do potencial identificado, persistem desafios significativos. Entre eles, destacam-se a falta de formação continuada dos professores para o uso das MA (Cunha, 2019), a falta de recursos didáticos acessíveis, além das dificuldades de adaptação curricular que contemplem as singularidades dos estudantes com TEA. Esses obstáculos



demonstram que a efetiva implementação das metodologias ativas ainda depende de mudanças estruturais na escola e de políticas de apoio ao docente.

Perspectivas e recomendações

A literatura também aponta caminhos promissores, sugerindo a integração entre metodologias ativas e práticas de mediação colaborativa, em que os pares desempenham papel central no processo de aprendizagem (Vygotsky, 1991). Além disso, a utilização de recursos digitais acessíveis amplia as possibilidades de engajamento e torna o ensino da Matemática mais contextualizado e significativo. Essas evidências reforçam a importância de se investir em formação docente, no uso de Metodologias Ativas e na flexibilização curricular como medidas fundamentais para a promoção da educação inclusiva.

Síntese da discussão

Os resultados evidenciam que as MA, quando aplicadas de forma intencional e fundamentada, potencializam a aprendizagem matemática e favorecem a inclusão escolar de estudantes com TEA. Entretanto, é necessário superar lacunas relacionadas à formação de professores e à disponibilidade de recursos, a fim de garantir práticas pedagógicas sustentáveis, inovadoras e efetivamente inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que as MA, quando aplicadas de forma intencional e mediadas por professores devidamente capacitados, promovem maior engajamento, respeito às diferenças e desenvolvimento cognitivo e socioemocional em estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino de Matemática. Práticas como aprendizagem baseada em projetos, sala de aula invertida, Ensino por investigação, Resolução colaborativa de problemas, Gamificação, Aprendizagem por pares e Estudos de caso, pois apresentam grande potencial para favorecer não só a aprendizagem dos conteúdos matemáticos, mas também para ampliar as oportunidades de inclusão social desses estudantes, valorizando suas especificidades.

Os resultados apontam para a necessidade urgente de pesquisas empíricas que se aprofundem na aplicação dessas metodologias em contextos escolares reais, em diferentes níveis de ensino e graus de complexidade das habilidades matemáticas. É fundamental que esses estudos acompanhem de forma sistemática as práticas pedagógicas,



possibilitando a identificação de obstáculos, ajustando estratégias didáticas e promovendo melhorias contínuas no processo de ensino-aprendizagem para estudantes com TEA. Além disso, destaca-se a importância de investigar quais MA são mais efetivas em distintos contextos e perfis de estudantes, considerando as variadas manifestações do TEA. Estudos futuros poderiam focar no impacto específico do uso das MA integradas a outras práticas inovadoras.

Para professores e escolas, esses achados reforçam a necessidade de formação contínua e especializada, que possibilite a implementação intencional e consciente dessas metodologias. A preparação docente é essencial para criar ambientes de aprendizagem inclusivos e receptivos, que incentivem a participação ativa e respeitem as diferenças individuais, promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes.

Portanto, a pesquisa contribui para consolidar as MA como um caminho promissor para transformar o ensino de Matemática em um espaço mais acessível, inovador e inclusivo, que responda às diversidades e fortaleça o direito à educação de qualidade para todos. O avanço das investigações empíricas e a interlocução entre pesquisa e prática pedagógica serão fundamentais para aprimorar essas estratégias e ampliar seu alcance no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; MORAN, J. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília. 2015.

CARVALHO, R. E. Educação inclusiva: com os pingos nos “is”. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CUNHA, E. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 9. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

D’AMBROSIO, U. Educação matemática: da teoria à prática. 23. ed. Campinas: Papirus, 2011.



DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca: UNESCO, 1994.

DSM-5. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAIATO, M. S. S. S.O.S Autismo: estratégias práticas para o dia a dia com pessoas com autismo. São Paulo: n.Versos, 2018.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LORENZATO, S. Para aprender matemática. Campinas: Autores Associados, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. 15. ed. São Paulo: Vozes, 2017.

MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. Ciência & Saúde Coletiva, v. 13, n. 2, p. 2133-2144, 2008.

NACARATO, A. M.; MENGALI, B. L. S. Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ORRÚ, S. E. Autismo: pistas para a compreensão e ação pedagógica. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2011.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

